



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

BRANQUITUDE E CIDADE EM SALVADOR: UMA ANÁLISE DA RACIALIZAÇÃO BRANCA DO ESPAÇO URBANO

ANDRÉ LIMA O'DWYER¹

Resumo: Este artigo se baseia em uma leitura da produção espacial a partir das relações raciais, estruturantes da sociedade brasileira, e propõe uma discussão sobre o papel da branquitude na reprodução das desigualdades e hierarquias raciais no espaço urbano. Para isso buscou-se identificar uma trajetória de associações entre a construção de uma identidade branca e formas de expressão espacial do privilégio, com atenção especial para um recorte contemporâneo: os condomínios fechados em Salvador.

Palavras-chave: Raça, Branquitude, Arquitetura, Urbanismo, Condomínios-fechados

INTRODUÇÃO:

Primeira capital do que hoje é Brasil, e atualmente uma das maiores metrópoles do país, Salvador apresenta grande parte das questões que afetam as cidades brasileiras, entre elas as desigualdades, onde o fator raça se mostra um determinante para o acesso a direitos urbanos e sociais. Tradicionalmente o campo da Arquitetura e Urbanismo tem pensado a produção da cidade a partir da dimensão política e econômica, mas com pouca ênfase na implicação da raça nesses processos. Isso vem se modificando, com uma produção crescente que contribui para ampliar a compreensão dos processos da urbanização brasileira, sobretudo os padrões de exclusão que afetam a população negra, mas também o reconhecimento do seu papel ativo na construção de alternativas. Este artigo busca contribuir com um aspecto ainda pouco explorado dessa discussão, o papel da branquitude na produção material e simbólica do espaço e da cidade.

Voltar o olhar para as particularidades da identidade branca é fundamental para desmistificar a ideia de que os negros ou indígenas é que teriam “raça”, enquanto os brancos seriam racialmente neutros, “apenas uma pessoa”. Ao invés de um “problema

¹ Arquiteto e Urbanista, mestrando no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e integrante do Grupo de Pesquisa EtniCidades – Grupo de Estudos Étnico-Raciais em Arquitetura e Urbanismo. Email: andre_odwyer@hotmail.com.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

do negro”², o racismo tem sido um problema para o negro, instituído como sistema de dominação pelos brancos, e a ideia do branco como universal constitui justamente um dos privilégios de que disfruta como identidade normativa. O silêncio sobre a participação branca nas relações raciais contribui para naturalizar a posição que ocupa na hierarquia social, enquanto se atribui às vítimas do racismo a incapacidade de superar a própria exclusão (BENTO, 2002).

Investigar as particularidades da branquitude e suas formas de reprodução pode ajudar a entender como se espacializam as relações raciais e de que forma o espaço urbano reproduz hierarquias racializadas. Isso é especialmente relevante em Salvador, cidade de maioria negra onde o poder político e econômico permanece nas mãos de uma elite branca, concentrada nos bairros com melhores condições de infraestrutura e melhores indicadores sociais (CARVALHO; PEREIRA, 2008).

1. RAÇA E CIDADE A PARTIR DA BRANQUITUDE:

1.1. Pensar a Branquitude

Os questionamentos e análises sobre a identidade branca e a sua relação com o racismo remetem a estudos de intelectuais como W.E.B. Du Bois (1920, 1935); Frantz Fanon (1952); Steve Biko (1978); destacando-se como pioneiro no Brasil o sociólogo baiano Alberto Guerreiro Ramos (1955). Abdias do Nascimento (1980) referência ainda o escritor Fernando Góes e sugere que “os africanos deveriam promover um Congresso Internacional para estudar os brancos da Europa e seu prolongamento arianóide no Brasil”.

Com essa mesma motivação, surge nos Estados Unidos a partir dos anos 1990 uma leva de estudos sobre o tema, abordagem conhecida como Estudos Críticos da Branquitude

² No artigo “A patologia social do branco brasileiro”, Alberto Guerreiro Ramos (1955) já defende que “o que se tem chamado no Brasil de ‘problema do negro’ é reflexo da patologia social do ‘branco’ brasileiro”.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

(*Critical Whiteness Studies*), motivando estudos semelhantes em outros países como a África do Sul, Reino Unido, Austrália e Brasil (CARDOSO, 2008). Segundo Steyn (2004) “O gesto crucial foi o deslocamento do olhar acadêmico dos ‘outros’ racializados para o centro a partir do qual se construiu a ideia de raça”. No Brasil destaca-se a tese de Maria Aparecida Silva Bento (2002)³, que influenciou toda uma nova leva de trabalhos, com importantes contribuições ao debate das questões raciais no país (CARDOSO, 2008).

Entendendo as categorias raciais como construções sócio-históricas relacionais, a branquitude diz respeito à identidade racial branca hegemônica, associada aos padrões estéticos, intelectuais e morais mais valorizados (FRANKENBERG, 2004). Segundo a autora, constitui-se ainda como “um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial” e “ ‘um ponto de vista’, um lugar a partir do qual nos vemos e vemos os outros.”. Esta, porém, não é uma construção absoluta ou homogênea, sendo atravessada por outros fatores como gênero, sexualidade, classe social e etnicidade, assumindo diferentes nuances de significado em diferentes contextos. A complexidade e o caráter de construto social da branquitude, todavia, não a tornam menos real (FRANKENBERG, 2004), como é próprio da ideia de raça que, já sem sustentação científica, continua presente no imaginário social com consequências na vida das pessoas.

Entre as questões debatidas sobre a branquitude estão justamente as suas formas de marcação e como isso constitui a subjetividade das pessoas consideradas brancas. Miranda (2017) faz um resumo do debate acerca da suposta “invisibilidade” ou “neutralidade” da branquitude e investiga a percepção (ou não percepção) de sujeitos brancos quanto à sua própria racialidade e aos privilégios que dela obtém. A esse respeito, Hyde (1995 apud STEYN, 2004) identifica que “a incapacidade de reconhecer explicitamente a branquidade⁴ permite que os indivíduos brancos ignorem o modo como a raça molda sua vida e, por extensão, como se acumulam os privilégios raciais”. Surge então a questão do que Schucman (2014) chama de possíveis “fissuras entre a brancura

³ Pactos Narcísicos no Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.

⁴ O termo “branquidade” é utilizado aqui com o mesmo sentido de “branquitude”.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

e a branquitude”, ou seja, as diferentes possibilidades de relação dos sujeitos com os pressupostos da sua racialidade e, em última instância, de desconstrução do racismo⁵.

1.2. Branquitude e Espacialidade: “Dois estados da História”

Desde o nascimento as pessoas são classificadas de acordo com as categorias raciais vigentes (SCHUCMAN, 2012) e a socialização do indivíduo a partir desse lugar estará sujeita a uma série de pressupostos e relações já estabelecidas. Essas experiências são individualizadas em formas particulares de ver e estar no mundo, que, apesar de subjetivas, correspondem a padrões comuns a um certo grupo e reproduzem as lógicas da estrutura que as condicionou. A partir desse entendimento, e concordando com outros autores (SCHUCMAN, 2014; MIRANDA, 2017; MAIA, 2019), pode-se considerar que a branquitude constitui um *habitus*, como conceituado por Bourdieu: “uma subjetividade socializada”. Como explica Setton (2002, grifos da autora):

“Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano.”

A transmissão dessa herança da história, “feita corpo”, “realiza-se pelo efeito conjugado dos condicionamentos inscritos na condição do herdeiro e da acção pedagógica dos predecessores” (BOURDIEU, 1989). O conceito desperta o interesse do sociólogo francês justamente a partir de um livro de Erwin Panofsky⁶ sobre as correspondências entre a Arquitetura gótica e o pensamento escolástico (SETTON, 2002). Para Bourdieu (1989), esse tipo de correspondência não seria apenas “uma relação de causalidade mecânica [...] mas uma espécie de cumplicidade ontológica”. Partindo dessa leitura, seria possível fazer uma associação semelhante em relação à branquitude como construção

⁵ Ver os artigos “Branquitude Acrítica revisitada e as críticas” de Lourenço Cardoso (2017) e “Pontuações e proposições ao branco/a e à luta anti-racista: ensaio político-reflexivo a partir dos estudos críticos da branquitude”, de Joyce de Souza Lopes (2013).

⁶ Arquitetura Gótica e Escolástica: Sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações etnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

histórica, nas suas dimensões estrutural e subjetivada, e as formas de espacialização homólogas.

Discutindo os conceitos de espaço e paisagem, Santos (1988) explica que: “As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época, mas dependem, também, das condições econômicas, políticas, culturais etc. A técnica tem um papel importante, mas não tem existência histórica fora das relações sociais”.

E sintetiza ainda:

“A vida é sinônimo de relações sociais, e estas não são possíveis sem a materialidade, a qual fixa relações sociais do passado. Logo, a materialidade construída vai ser fonte de relações sociais, que também se dão por intermédio dos objetos.”

Podemos, então, interpretar que os processos históricos que conformaram as ideias de raça, e as relações mediadas por ela, produziram e produzem, também, arranjos socioespaciais e formas materiais. Essa materialidade, inserida em uma estrutura social e redes de significado, ao mediar novas relações transmite uma carga histórica e condicionamentos do passado, que serão reapropriadas a partir do presente⁷. Para Bourdieu (1989) trata-se de “dois estados da história”, que ao interagirem têm o potencial de reativar os seus sentidos:

“Toda ação histórica *põe em presença* dois estados da história (ou do social): a história no seu estado objectivado, quer dizer, a história que se acumulou ao longo do tempo nas coisas, máquinas, edifícios, monumentos, livros, teorias, costumes, direito, etc., e a história no seu estado incorporado, que se tornou *habitus* [...] a história no sentido de *res gestae* constitui a história feita coisa, a qual é levada <<actuada>>, *reactivada* pela história feita corpo”

A partir daí podemos entender o espaço construído, e a própria cidade de Salvador, como a expressão de uma história, conformada pelo acúmulo e sobreposição dos diferentes momentos e testemunho das relações políticas, econômicas e culturais que construíram, concomitantemente, a subjetividade dos seus habitantes. A influência da raça nesse processo não se dá apenas como resquício do passado, mas como fator ativo

⁷ A relação entre as formas, usos e seus significados não é estática, mas se modificam ao longo do tempo (CARLOS, 2007), bem como as próprias relações sociais são constantemente atualizadas, em processos de disputa que se expressam também no espaço urbano (BOAVENTURA, 2017).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

que vem sendo atualizado e continua a condicionar as relações (BENTO, 2002), construindo os “lugares” reservados e apropriáveis pelos diferentes grupos na cidade.

1.3. Raça, branqueamento e espaço urbano na formação de Salvador:

A raça foi uma das ideias centrais que estruturaram a modernidade, a partir das relações coloniais e para justificar o domínio europeu sobre outros povos (QUIJANO, 2005). A história de Salvador é indissociável desse processo. Fundada em 1549 como cidade fortaleza, tinha o objetivo de assegurar o domínio dos portugueses sobre o território, concomitante à representação destes como civilizados e dos povos indígenas como selvagens. Com os seus fortes, igrejas, Casa de Câmara e Cadeia e Pelourinho, era ao mesmo tempo a base para as operações concretas de controle do território, como também reunia a representação dos valores que buscavam legitimar a colonização.

Com o desenvolvimento da colônia, Salvador torna-se um ponto central da economia baseada na escravização de pessoas negras, chegando a ser a segunda cidade do império português e cujo porto foi o mais importante do Atlântico Sul (MATTOSO, 2004), recebendo cerca de 1 349 724 pessoas trazidas da África para serem escravizadas (RIBEIRO, 2005). Essas relações, que erigiram a América como conhecemos, moldaram de forma impiedosa a imagem construída de brancos, indígenas e negros. A Arquitetura será a metáfora utilizada para pensar e representar as relações em um dos livros mais conhecidos sobre o período: Casa Grande e Senzala (Gilberto Freyre, 1933).

Com a independência, surge a partir do séc. XIX um intenso debate sobre a identidade nacional e a composição étnica e racial do povo brasileiro. O racismo científico era então o paradigma dominante na Europa e entre a elite brasileira, segundo o qual a humanidade estaria dividida em raças biológicas, às quais eram associadas características físicas, psicológicas, intelectuais e morais inatas. Negros e indígenas eram considerados inferiores, primitivos e indolentes, incapazes de construir uma



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações etno-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

civilização, enquanto os mestiços seriam “degenerados”⁸, conduzindo o país à decadência. Assim, a salvação do Brasil dependeria, necessariamente de poder tornar-se um país branco (SCHWARCZ, 1993).

Com o progressivo esgotamento do sistema escravista é promulgada a Lei de Terras de 1850, limitando significativamente o acesso da população negra a este recurso. Consumada a abolição, essa população passa a ser considerada um problema, associada ao “atraso” colonial, e possivelmente perigosa. Após intensos debates, a tese da degeneração dos mestiços é superada pela chamada “ideologia do branqueamento”⁹ e, graças ao “influxo de sangue europeu” e à pretensa “ausência de preconceitos”, (já naquele tempo exaltada) a mestiçagem torna-se a “solução nacional” para o “problema étnico”, extirpando a presença negra e indígena, “pacificamente” (SKIDMORE, 1974).

Essas ideias, que motivaram políticas de imigração europeia massiva, tiveram repercussão direta na cidade. Surgia nesse período uma nova elite urbana, com ideais liberais, que tinha como referência a Europa. Assim, são realizadas intervenções baseadas em um urbanismo sanitarista e estético-viário (SAMPAIO, 2015), na tentativa de transformar Salvador de cidade colonial em uma metrópole moderna, inspirada nas reformas do Rio de Janeiro e de Paris. Essas reformas destruíram cortiços e combatiam formas de moradia adotadas pela população negra e pobre, consideradas insalubres¹⁰ e especialmente inadequadas ao centro cívico da cidade.

A crescente discussão vai culminar na Semana do Urbanismo de 1935, onde se passa a defender o planejamento global da cidade, desdobrando-se no EPUCS¹¹. São

⁸ Segundo algumas teorias, as raças “puras” podiam ser hierarquizadas, mas apresentavam características próprias estáveis, tidas como coerentes. A mistura dessas raças, por outro lado levaria a distúrbios e degenerações físicas, intelectuais e morais (SCHWARCZ, 1993).

⁹ A partir de interpretações darwinistas, teorizava-se que no cruzamento das raças o sangue branco, considerado dominante, prevaleceria e em algumas gerações o Brasil seria um país branco.

¹⁰ As ideias que embasavam essas intervenções na cidade estavam calcadas em um saber médico, fortemente influenciado pelo racismo e pelo eugenismo, que além de combater a doença, combatia também o “doente”. Associando-se aspectos físicos, psicológicos e morais, os mestiços, negros e indígenas eram vistos como possíveis fontes de “vícios” e “doenças tropicais”. (SCHWARCZ, 1993).

¹¹ O Escritório do Plano Urbanístico da Cidade de Salvador foi criado em 1942 sob coordenação do engenheiro Mario Leal Ferreira, com o objetivo de elaborar um Plano Diretor para a cidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

realizadas palestras onde, a partir de uma visão higienista, reforçava-se as necessidades da presença de luz, ar puro, fluidez do trânsito e embelezamento estético. Devido à gravidade da tuberculose, o sonho de modernidade da elite alinhava-se a um discurso de preocupação com as condições de vida dos pobres, carregado, porém, de uma forte intenção de controle. Procurava-se demonstrar como surgiam as “cidades erradas”, “retrógradas e sem higiene”, enquanto era defendida a ideia de uma “cidade certa”, “perfeita”, “civilizada” e “higiênica” (BATISTA, 2014).

Pela grande influência do racismo científico, especialmente nos meios médicos e jurídicos (SCHWARCZ, 1993), a construção dessas imagens não estava desvinculada de concepções racistas. Aplicando esses discursos à cidade, o planejamento higienista contribuiu para racializar a ideia da precariedade e insalubridade no espaço urbano, associando-a à população negra, assim como racializou a ideia de ordem e salubridade, associando-a à branquitude. Se, como “solução nacional”, o ideal do branqueamento admitia a presença do negro e do indígena, considerados, porém, um resquício problemático que deveria desaparecer, não é difícil concluir que aquela cidade ideal a se alcançar deveria ser uma cidade “branca”.¹²

Na busca pelo branqueamento, a cidade vai ser o lugar da construção desse sonho de futuro, instrumentalizada pelo que Ramos (1955) chamou de “patologia social do ‘branco’ brasileiro¹³”. Com efeito, a modernização da cidade era acompanhada pela tentativa de modernização dos costumes, incluindo a sua “desafricanização” (RAMOS, 2007), com perseguições à capoeira, ao samba e ao candomblé, além do próprio controle da presença de pessoas negras no espaço público¹⁴.

¹² Como aponta Matos (2006, apud CONDEIÇÃO, 2017): “A estrutura e linguagem do discurso ‘moderno’, vulgarmente utilizada para descrever o que se considera ‘bonito’, ‘importante’, ‘razoável’, e ‘valioso’, foi influenciada pela ideia de superioridade branca”. Se a modernidade foi racializada, isso é especialmente evidente nas Américas (QUIJANO, 2005).

¹³ Negar as suas heranças negras e indígenas e, desajustado ao seu contexto étnico, aderir a fantasias e querer ser branco como os europeus.

¹⁴ Essas pessoas eram enquadradas em leis que criminalizavam práticas classificadas como “vadiagem”, “feitiçaria”, “curandeirismo”, entre outras (SOUSA JÚNIOR, 2018).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações etnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Abandonada a experiência do EPUCS, vai vigorar a partir da década de 1950 até a década de 1980 um planejamento desenvolvimentista, acompanhando um período de crescimento desigual, que também aumentou a segregação socioespacial na cidade (SOUZA, 2008). A adoção oficial do discurso da “democracia racial”, e o silêncio a respeito dos conflitos, não foram suficientes para acabar com o racismo. Ao contrário, ao não tratar da questão permitiu-se a continuidade das ideias associadas aos grupos racializados e das relações que condicionam a sua inserção social. Sobre os lugares que cabem a brancos e negros nessa sociedade, Lélia Gonzalez (1982) constata:

“O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. [...] Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos ‘habitacionais’ (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos)”.

2. “LUGAR DE BRANCO” NA SALVADOR CONTEMPORÂNEA:

Em pesquisa sobre a branquitude paulistana, Schucman (2014) identifica o que seriam os “lugares de branco” naquela cidade:

“O primeiro elemento demarcador apontado por mim como parte do que caracteriza as divisões entre ‘nós brancos’ e ‘outros não brancos’ em São Paulo são os marcadores espaciais simbolizados como ‘lugar de branco’ que estão associados diretamente a bairros, ambientes e lugares onde se acumula riqueza. Esses lugares simbolizam, também, a ideia de progresso paulista. Mostram que a construção da branquitude e da identidade paulistana associada à ideia de civilização, progresso, e riqueza [...] entrecruzam-se e constroem-se mutuamente.”

Em Salvador, apesar das particularidades, isso não é tão diferente e continuam os casos de racismo contra pessoas negras ao frequentarem espaços típicos da elite. Por outro lado, em um estudo sobre representações da branquitude em Salvador, ser branco aparece associado à possibilidade de ter um trânsito livre (Oliveira, 2007).

Para além da discriminação ou favorecimento pessoais diretos, essa diferença se expressa coletivamente na ocupação do espaço urbano, com uma concentração da população branca nas áreas mais valorizadas e com as melhores condições de infraestrutura (CARVALHO; PEREIRA, 2008). Em muitas dessas áreas predomina o modelo de habitação auto-segregada, como os condomínios fechados que vêm se proliferando desde a década de 1990. Reproduzindo, em muitos casos, uma estética



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

inspirada nos subúrbios estadunidenses, esses empreendimentos se apresentam como soluções privadas para os “males da cidade”, contra os quais oferecem segurança e qualidade de vida. É comum o apelo à ideia de uma vida saudável, junto à natureza, sendo associados também a uma distinção social (ARANTES, 2011).

Apesar da maioria dos estudos sobre o fenômeno não visibilizar o fator raça (branca), dando maior peso à classe social, Maia (2017) aponta o seu papel na constituição das identidades da classe média:

“A formação histórica das classes médias brasileiras se dá, de fato, na confluência de raça, enquanto uma marca de cor que, mais que remontar a uma origem social (NOGUEIRA, 1985), denota a suposta capacidade moral de pertencimento aos hábitos e valores associados a um ideal burguês”

Condomínios fechados: Um recorte

Os condomínios fechados são apresentados aqui como modelo de espacialização onde identificamos a influência da raça, e que entendemos como “espaços de branquitude”¹⁵ (MAIA, 2019). Assim como a branquitude não é homogênea, sendo modulada por diversos fatores, é importante reconhecer que os condomínios não são um padrão único e definitivo de espacialização da branquitude. Existem diferentes experiências e possibilidades de relação entre grupos e pessoas brancas e negras, que vão se espacializar de acordo com as complexidades de cada contexto.

Aprofundaremos um pouco na vivência desses espaços, a partir de conversas realizadas com moradores brancos de condomínios fechados do bairro de Piatã, em Salvador. Esse recorte caracteriza ainda um modelo específico, o de condomínios horizontais voltados para a classe média alta, em uma região da Orla Atlântica da cidade. Apesar da especificidade, esses locais se conectam a uma rede de sociabilidade e poderão ser observados, em contexto, vivências de cidade e dinâmicas socioespaciais.

2.1. Contexto da análise

¹⁵ Não significa que ali existam apenas pessoas brancas, mas onde a branquitude seria a norma. Vale destacar a presença, em geral constante, também de pessoas negras, na maioria das vezes em funções de serviço mas também como moradores. A autora relata situações onde a presença desses moradores é vista com incômodo.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Os atuais condomínios começam a surgir na região em meados da década de 1970 e início de 1980, não como condomínios fechados, mas como loteamentos privados ou conjuntos habitacionais financiados pela política habitacional do INOCOOP. Esses empreendimentos, em áreas afastadas do centro mas em processo de valorização, atenderam a setores da classe média, principalmente funcionários de uma mesma empresa ou profissionais de uma mesma categoria (ARANTES,2011).

A partir da década de 1990 há o agravamento de problemas econômicos e sociais, uma retração do Estado e o fortalecimento do mercado imobiliário como agente produtor da cidade. Nesse contexto ganha destaque o conceito de condomínio fechado, vendido como solução para os problemas da violência crescente e da diminuição da qualidade de vida nas cidades. Apesar de não serem concebidos e aprovados como condomínios fechados, esses conjuntos tinham características semelhantes àquele modelo e começam a adotar medidas de aumento da segurança privada e buscam estratégias para viabilizar o seu “fechamento”. Com o passar do tempo as medidas de segurança se exacerbam, com uma vigilância e controle cada vez maiores que passam a ser artigo de marketing, juntamente com a natureza enquanto elemento de composição do cenário de tranquilidade e “qualidade de vida” (ARANTES, 2011).

As conversas a seguir foram realizadas em 2017, durante um estudo¹⁶ sobre a região do entorno da Av. Orlando Gomes, onde além de moradores dos condomínios foram escutados outros grupos sociais, não tendo como foco a branquitude. Não houve à época um critério racial para a escolha dos entrevistados, mesmo assim todos os moradores de condomínios (quatro mulheres e três homens cujos nomes apresentados são fictícios) se identificaram como brancos. Apesar da amostragem reduzida, esse fato exemplifica uma maioria de moradores brancos nesses espaços. Apesar das conversas não abordarem explicitamente a questão racial, a subjetividade construída em torno da sua forma de habitar, e a relação que estabelecem com a cidade e outros grupos sociais, remetem às concepções racializadas da sociedade brasileira.

¹⁶ Planejamento Urbano no Entorno da Av. Orlando Gomes: Uma outra Cidade possível (2018).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

2.2. A vivência dos moradores:

A primeira informação que me interessou foi entender a motivação para a escolha do local de moradia, para o que aparece a busca por um estilo de vida específico, principalmente o desejo de morar em casa. O condomínio fechado ofereceria uma segurança que atualmente não encontram em uma casa na rua:

“Primeiro voltar a morar em casa, que eu nasci morando em casa, ali na Graça. Aí eu fui a Brasília, me casei e passei a morar em apartamentos (...) e tinha vontade de voltar, experimentar como era morar em casa, mas queria morar em casa em condomínio, porque achava que morar em casa na rua, já naquela época, era uma coisa muito agressiva, muito arriscada em termos de segurança.” Maurício

É comum também a busca por uma sensação de viver junto à natureza, podendo ao mesmo tempo usufruir dos serviços que a cidade oferece.

“Pra mim a ideia de viver aqui é porque era uma região urbana em que eu tinha uma qualidade de vida, aqui dentro desse condomínio né? E ao redor eu tinha uma mata que eu me sentia privilegiada, no sentido de tá dentro de uma área urbana com preservação do verde né?” Fabiana

A relação com a região é principalmente de moradia, com poucas atividades sendo realizadas fora do condomínio. Entre essas atividades aparece ir ao supermercado, academia e restaurantes ou lanchonetes, sendo comum a queixa sobre falta de opções. Mencionou-se muito encontrar com amigos e as pessoas costumam frequentar a casa ou condomínio umas das outras.

Os entrevistados costumam frequentar bairros distantes tanto para trabalho e estudo quanto para serviços e lazer (compras, festas, idas a restaurantes e cinema). Estes incluem o Rio Vermelho, Graça, Barra, Canela, Itaipara e Vilas do Atlântico, que apesar de distantes (Vilas do Atlântico fica em Lauro de Freitas, município vizinho a Salvador) possuem um perfil sociodemográfico semelhante (INFORMS/CONDER, 2016). É uma vivência de cidade mediada pelo automóvel individual, utilizado quase exclusivamente. Apesar da facilidade de locomoção os moradores se queixam dos longos deslocamentos:



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

Aqui um ponto negativo muito forte é a distância dos lugares, como eu falei né, aqui não tem muita coisa perto. O 'centro' assim mais perto daqui é o Shopping Paralela, que é logo ali. Porque dá pra você ir em 10 minutos e aí você pode ir. Se precisar de alguma coisa do mercado tem o Hiper Ideal na Orla também que quebra um galho, só que não tem um centro cultural, não tem essas coisas aqui. E você vai ver que aqui é muito distante de tudo." Mizael

Apesar do incômodo, essa distância e "falta de opções" podem ser vistas como reflexo da própria escolha por morar numa área com ocupação menos intensa, conformada principalmente por condomínios exclusivamente residenciais e fechados para a rua. Além do tipo de atividades e espaços que buscam e frequentam na cidade.

Muitos empreendimentos adotam nomes que remetem à natureza e associam a sua imagem à paisagem rica em vegetação e à presença de rios ou do mar. Em diversas falas é possível identificar um sentimento negativo em relação ao aumento da ocupação e os novos empreendimentos são considerados responsáveis pelo desmatamento e descaracterização da paisagem, principalmente o modelo mais recente, de prédios. Por outro lado, reconhecem um aumento da oferta de serviços, o que é considerado positivo:

"Tão construindo prédios, edifícios altos né? Acho que muito altos. [...] Acho que tanto esteticamente né, fica aqueles edifícios altos, eu acho que perde o encanto assim de uma orla, como até mesmo a questão de sombreamento na praia, apesar de que eles já fizeram estudos que não, que tem uma região que pode. Mas eu acho que até esteticamente não fica legal e acaba também superpovoando né? Essa região. [...] Eu acho que é importante crescer, mas de forma mais organizada. Eu acho que construção de... (risos) de condomínios e tudo eu acho que já tem bastante construções desse tipo né? Realmente isso é preocupante em relação ao desmatamento. E o que eu falei, apesar de ter alguns restaurantes, mas eu acho que poderia se trazer mais lazeres, mais lazer pra essa região." Sílvia

Curiosamente, Sílvia é moradora de um de um dos condomínios horizontais mais recentes, apontado por moradores mais antigos como tendo desmatado e aterrado áreas naturais. Essa contradição pode ser entendida como resultante do próprio modelo: empreendimentos pontuais baseados na ideia de uma qualidade de vida exclusiva, que independe e até mesmo nega o entorno e a cidade. Assim, a sua reprodução acaba por produzir uma "não cidade", que falha em atender às necessidades dos próprios moradores. Da mesma forma, a ocupação com densidades muito baixas provoca o desmatamento de grandes áreas para usufruto de poucas pessoas, fragmenta e substitui



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

os ecossistemas locais e mostra-se insustentável para atingir os ideais ecológicos vendidos pelo marketing e comprados pelos moradores.

Esse estilo de vida é considerado caro (apesar de “prazeroso”). Os moradores em geral trabalham fora para mantê-lo e o serviço doméstico realizado por empregados é parte fundamental dessa dinâmica. É através dessas relações que é mencionado o Bairro da Paz, um bairro vizinho considerado uma ocupação informal. Enquanto Piatã, onde se localizam os condomínios, tem 47% da população branca¹⁷ o Bairro da Paz tem 9,67%, com cerca de 89 % de moradores pretos ou pardos (INFORMS/CONDER, 2016). Ao mesmo tempo que o bairro vizinho é visto como mais dinâmico e chega a atender aos moradores dos condomínios, as relações reproduzem hierarquias sociais:

“A gente compra lá. Por exemplo, precisa fazer qualquer obra aqui, um cimento e tudo, vai ali no Bairro da Paz. É lá que o cara vem trazer o carreto aqui, a gente telefona e ele vem trazer. Então aí já é um bairro servindo ao outro né? É lá que muita gente que trabalha nesse condomínio mora.” Fabiana

Nesse momento pergunto se ela conhece alguém que more no Bairro da Paz, que pudesse me indicar para eu conversar. A resposta é negativa e automaticamente associada à relação do serviço doméstico, já que responde que as suas funcionárias moravam em outros locais e também ali mesmo na casa. Apesar da pergunta ser aberta a qualquer possibilidade de relação, a resposta parece indicar que essa seria a única. Outro morador diz que nunca entrou no Bairro da Paz, enquanto em Jaguaribe e Patamares (localidades vizinhas com predominância de condomínios e de maioria branca) ele vai e tem muitos amigos. Perguntado especificamente sobre a relação dos condomínios com o Bairro da Paz, este reforça aquelas associações e acrescenta o estigma da violência:

“Não tem relação entendeu? Aqui tem várias pessoas que trabalham aqui geralmente e moram lá no Bairro da Paz, então você vai ver que eles vão pegar geralmente ônibus, enfim. Tem gente que usa o Bairro da Paz pra comprar coisas, lá tem salão de beleza, lá tem mercado, loja de material de construção, basicamente isso. E aqui já teve assalto também, mas a gente nunca sabe se foi culpa de lá ou não.” Mizael

¹⁷ Consideramos que nos condomínios esta porcentagem provavelmente é maior, já que os limites oficiais do bairro englobam áreas mais populares, com características sociodemográficas distintas.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações etnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Aparece aí um outro elemento mais sutil que caracteriza os grupos sociais a partir da sua relação com o espaço urbano. A respeito dos trabalhadores, Mizael diz que: “você vai ver que eles vão pegar geralmente ônibus”, sugerindo que os moradores do condomínio estariam associados a outro modal (o carro particular). As mesmas associações são feitas por um morador de outro condomínio, onde novamente estão presentes a tensão e a estigmatização sociais:

“Se você para e olha, essa avenida ela é habitada pelos carros não pelas pessoas, pelos pedestres, exceto quem vem prestar um serviço. Hoje as pessoas que moram nos condomínios dificilmente utilizam ela [...] Fim de semana eu vejo gente passando vindo do Bairro da Paz, indo à praia e voltando a pé, né? E eu sempre vejo com alguma tranquilidade né? Excepcionalmente a gente sabe que tem um assalto, de alguém roubar uma roupa, uma coisa não é? Um tênis. Que é lamenável mas existe.” Mauricio

Vale registrar que, se não perguntar, Maurício não teria como saber onde moram as pessoas que ele vê passando na rua, a não ser pelas características que ele identifica como próprias dos moradores do bairro vizinho.

A preocupação com a segurança é um fator determinante para a forma de habitar dos condomínios e é frequente a associação da violência ao mundo externo. A melhor forma de garantir a própria segurança seria, então, o isolamento:

“Então no passado a gente ia a Itapuã até pra comer um acarajé e prum lazer, hoje a gente só vai durante o comércio de dia, porque hoje o bairro já se vê perigoso. A violência vai chegando a esses bairros que eram estritamente familiares né? E hoje não. Então a gente já vê que aquela região de invasões de Itapuã, já chegou a droga, já chegou as questões, que são de urbanização né? E da pobreza né? O comercio de... Então hoje eu não vou a Itapuã, comer um acarajé hein? Que eu tenho medo. Então isso aqui virou um local... um oasis, de proteção.” Fabiana

Essa fala é bastante representativa de um sentimento de medo da cidade. Há o reconhecimento de que alguns problemas adviriam do processo de urbanização e é feita a associação da violência à pobreza e a um possível caráter não “estritamente familiar” da região de ocupações informais de Itapuã. Segundo Maia (2017), prevalece nesses “espaços de branquitude” uma sociabilidade (e mesmo uma corporeidade) mediada por concepções morais, sexuais e de gênero que tem como base a família nuclear burguesa, e que se opõem a práticas culturais associadas à população negra, consideradas vulgares. Assim, a ideia de proteção física não está desvinculada da construção de um



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações etnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

“oásis de proteção” também social¹⁸. É possível notar como a ideia de preservação da natureza pode ser usada para estabelecer as barreiras desse reduto:

“E a segurança, né? Dessas via né, que é uma coisa difícil. A invasão dessas regiões é uma favelização né? É sempre um problema no sentido de que... Teve um período aí quando começaram a devastar que a gente viu à noite montarem barraca até. Eu disse: vai ter uma invasão aí atrás. Era a sensação que a gente tinha. Que qualquer espaço que foi devastado o indivíduo quer montar um espaço pra viver né? Dentro da cidade, ele não quer sair. Ele quer ficar perto do espaço onde ele trabalha, onde ele pode ter um deslocamento mais fácil né?(...) E com essa via nova que estão fazendo vai ter acesso também uma nova população né? Então vai ser diferente, a gente não sabe ainda o que vai ser.” Fabiana

Podemos observar a persistência de concepções que marcaram o início do planejamento no século passado, que pela atualização das relações ainda se perpetuam no imaginário sobre a cidade e sobre os grupos sociais¹⁹. Observa-se aí correspondências com o discurso higienista, não mais na perspectiva de transformação da cidade, mas no anúncio do seu “fracasso” para propor exceções: redutos “higiênicos” e “civilizados” em meio ao “caos”. Assim como teria acontecido à cidade, fracassou também o projeto de branqueamento e esses núcleos passam a constituir, também, redutos raciais brancos em uma cidade majoritariamente negra.

Na fala da moradora Adriane é possível perceber como a vivência nesses espaços de exceção pode reforçar estigmas sobre a cidade “lá fora”:

“Quando eu era pequena eu tinha muito medo de sair do condomínio, tinha que passar por portões cheios de seguranças. Como eu cresci assim eu vejo coisas boas, mas tem isso. Talvez o condomínio crie um ambiente seguro, mas faça parecer que lá fora é mais perigoso ainda.” Adriane

Se o “fora” é construído como ameaçador, existe o cuidado para preservar o padrão que se espera “dentro”, através das convenções que controlam as atividades e até as tipologias arquitetônicas permitidas. Nessa construção o condomínio é vivido como a realidade e a norma, enquanto o “fora” é visto como exceção. A formação desse modelo, suas formas próprias de sociabilidade e a subjetividade dos moradores estão imbricadas e constroem-se mutuamente. Ali estão presentes os lugares sociais racializados, onde a

¹⁸ A esse respeito, a autora Grada Kilomba (2019) desenvolve: “No mundo conceitual *branco*, o *sujeito negro* é identificado como o *objeto 'ruim'*, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade.”

¹⁹ Essas associações reeditam o “medo branco” das elites do início do século XX em relação à maioria negra e a sua associação a ameaças físicas e morais: doenças, crime e vícios (AZEVEDO, 1987).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

maioria dos moradores são brancos²⁰ e a maioria dos funcionários são negros. Essa vivência expande-se em formas de deslocamento que também negam o espaço público (automóvel individual, com vidros fechados e ar condicionado), através da qual se frequenta outros lugares igualmente homogêneos, configurando o que Maia (2019) chama de uma “cartografia própria de branquitude na cidade.”

2.3. Novas tendências:

Com a expansão da globalização e do mercado no desenvolvimento urbano, têm-se observado um exacerbamento desse “urbanismo de afinidades” (DONZELOT, 1999 apud IVO, 2012). A multiplicação de grandes equipamentos privados ou dos chamados “bairros planejados”, ligados por “caminhos seguros”, tende a formar um verdadeiro circuito homogêneo, por onde circulam prioritariamente os “iguais” (IVO, 2012).

Essa tendência responde às necessidades de maximização dos lucros do mercado imobiliário e parece ecoar uma transição do modelo de *urban sprawl* para o *new urbanism* estadunidenses²¹. Assim, um novo modelo de empreendimento, vertical, se apresenta como “completo”, oferecendo além da moradia, serviços, lazer e em alguns casos estão conectados a espaços de trabalho. Na competição de mercado, seguindo a lógica da exclusividade (e, porque não dizer, da hierarquia), esses produtos imobiliários se apresentam como “diferenciados”, oferecendo vantagens em relação aos anteriores.

²⁰ É importante registrar também a presença de moradores negros, que apesar de compartilharem condições de classe, terão uma vivência diferente a partir da interseção com a raça. Existem estudos que abordam mais especificamente a experiência de pessoas negras nas classes médias (FIGUEIREDO, 2012) e espaços de maioria branca, o que foge, no entanto, à proposta desse artigo. Ainda assim é relevante entender a relação entre moradores brancos e negros, tema citado por Maia (2019) e que deverá ser melhor explorado em estudos futuros.

²¹ *Urban sprawl* é a urbanização espalhada característica dos subúrbios estadunidenses, associados à fuga das classes médias brancas do centro da cidade. O *new urbanism* se apresenta como um “novo” paradigma e defende o adensamento, a diversidade de funções e uma vivência local. Esse modelo vem sendo criticado por produzir núcleos isolados, marcados pelo controle e para usuários seletos, sem oferecer respostas às problemáticas urbanas. É interessante notar que ambos os modelos são “importados” dos Estados Unidos, identificado por Cardoso (2012) como uma referência central e fonte de influências para a noção de branquitude nos países “periféricos e semi-periféricos”, entre eles o Brasil.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Um exemplo desse modelo é o condomínio Le Parc, construído em 2012 na Av. Luís Viana Filho, um dos principais eixos de expansão da cidade. O conjunto possui 18 torres divididas em 6 sub-condomínios e oferece “mais de 70 itens de lazer”, além de serviços como delicatessen, cabelereiro, academia, serviços domésticos, entre outros. Em uma entrevista²², o arquiteto responsável pelo projeto apresenta o seu diferencial:

“O conceito de Condomínio Resort, dotado de uma infra-estrutura de lazer similar à de um grande hotel ou clube, surge para atender a uma demanda por lazer dos seus moradores sem o stress dos deslocamentos no trânsito caótico das grandes cidades, aliada à segurança de um condomínio fechado [...] atendendo a famílias da classe média, média-alta que prezam o conforto, segurança e qualidade de vida. Os moradores do Le parc terão opções de lazer que dificilmente encontrariam em condomínios convencionais.”

Para resguardar essa “qualidade de vida”, são adotados rigorosos procedimentos de segurança para o acesso e utilização dos espaços:

“todos os prestadores de serviços que adentram o Condomínio com carros [...] ou outros veículos, deverão ser informados na sua chegada de que há procedimento de vistoria visual dos veículos na saída”

“A utilização das piscinas, tanto nos subcondomínios, quanto do Clube, é exclusiva dos moradores e de um número restrito de visitantes [...] preferencialmente, as piscinas dos seus respectivos grupamentos de torres ou subcondomínios”²³

Fica clara a ênfase no binômio segurança/qualidade-de-vida reforçando a oposição entre o “dentro” e o “fora”, onde a criação de um “paraíso” interno, para os “de dentro”, é indissociável da construção do “fora” (e dos “de fora”) como potencialmente ameaçadores. Ivo (2012) associa esse modelo ao conceito de simulacro: “ ‘universos estranhamente semelhantes ao original’ (Baudrillard, 1991), que seriam mais autênticos, verdadeiros e reais que a própria realidade.”.

²² Disponível em: <<http://blogdaponto4.com.br/imoveis-novos/le-parc-ivan-smarcevscki/>>. Acesso em: 29, Set, 2019.

²³ Essa também pode ser uma estratégia para evitar a superlotação, que não condiz com a imagem e a sociabilidade desejadas, mas que certamente aconteceria se parte significativa dos moradores tentasse usar os itens de lazer a que têm direito.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

Como produtos imobiliários, essa construção começa já na etapa de vendas. São exploradas imagens²⁴ internas destacando o Paisagismo e a Arquitetura, que não diferem significativamente de outros empreendimentos na cidade ou em outras partes do mundo (IVO, 2012), mas que são reconhecíveis para o público como significantes do requinte daquele “estilo de vida”²⁵. Somam-se ao ambiente as típicas representações racializadas e aparecem disfrutando do espaço praticamente apenas pessoas brancas²⁶, enquanto quase todos os funcionários são representados por pessoas negras.

Pensando no papel da raça na construção desse tipo de simulacro, pode-se fazer uma relação com as análises de Mbembe (2014) sobre a situação colonial. Fazendo referência a Fanon, ele interpreta que, em meio às relações de dominação, o colonizador esforça-se por criar um mundo próprio, auto-referenciado, que tem a dimensão de sonho: “O acto de colonizar tem, assim, algo de dionisíaco – um grande fervor narcísico.” (MBEMBE, 2014, p 190.) Para o autor:

“No centro dessa tragédia encontra-se a raça. Em larga medida, a raça é uma moeda icônica [...] moeda cuja função é converter o que se vê (ou aquilo que se prefere não ver) em gêneros ou símbolos integrados numa economia geral de signos e de imagens. [...] A raça é também a expressão de um desejo de simplificação e de transparência – o desejo de um mundo previsível, sem filtros, sem complexidade. É a expressão da resistência à multiplicidade.”

3. RACIALIZAÇÃO BRANCA E ESPACIALIZAÇÃO DA BRANQUITUDE

A branquitude, como identidade autoconstruída do colonizador, baseia-se na ideia de superioridade racial, reservando para si as qualidades mais valorizadas e associando-se, por definição, à beleza, inteligência, virtude e civilidade (KILOMBA, 2019). Essa construção é necessariamente relacional e torna-se, portanto, incompleta, dependente da inferiorização do “Outro”. Nas palavras de Cardoso (2014): “o branco ‘é um ser em

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLco5iPaf7Zo3b_fQF99SwoTicFgWe_vKu>. Acesso em: 29, Set, 2019.

²⁵ Isso é representativo da produção de padrões éticos e estéticos, valores e gostos, pelo processo de “mundialização” em curso (CARLOS, 2017), do qual participa também a branquitude, enquanto “sistema global interligado” (WARE, 2004).

²⁶ Com poucas pessoas negras aparecendo muito rapidamente.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
**Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil**

espera por confirmação' do negro das suas características superiores", é "um vir-a-ser: belo, inteligente, civilizado, superior".

Bento (2002) associa essa construção ao narcisismo e à "falsa projeção", através da qual se atribui ao outro as características que não se admite em si mesmo. Segundo a autora, esses processos, até certo ponto normais no desenvolvimento das pessoas, no racismo são mobilizados para justificar as desigualdades, a manutenção dos privilégios do grupo construído como normativo e a exclusão moral daquele construído como o "outro", depositário das características indesejadas.

Condicionada pelo imaginário dominante e mecanismos de poder, a produção espacial em Salvador tem reproduzido essa mesma lógica, evidente nos processos de segregação e exclusão da população negra, enquanto a cidade oficial é pensada principalmente para as elites, não por acaso brancas. Desde a colonização, a ideia de raça tem assumido diferentes significados, sem perder a sua importância central, e o racismo vem se atualizando para os diferentes momentos históricos. O modelo de condomínios fechados aqui analisado representa uma faceta contemporânea da segregação urbana em Salvador, onde a raça permanece um fator significativo.

Refúgio das elites e com uma concentração incomum de moradores brancos, esses núcleos reproduzem o que seria o "lugar" associado à branquitude na cidade, assim como suas contradições. Se numa lógica de exclusividade os condomínios atendem aos desejos dos moradores, como modelo de ocupação eles prejudicam a construção de uma cidade mais íntegra e democrática, capaz de oferecer soluções reais para os problemas que o próprio condomínio se propõe a evitar. Uma última reflexão do morador Maurício mostra esse reconhecimento:

"Rapaz eu acho que esse modelo de condomínio é uma coisa lamentável a existência dele, porque você cria um bolsão e você cria no entorno dele uma zona muito complicada. [...] então fora do condomínio é um deserto e uma zona extremamente inóspita e arriscada pra quem anda. [...] Ao mesmo tempo, e é uma contradição, você identifica isso mas você não tá disposto, no caso eu não estou disposto a fazer individualmente um enfrentamento" (Maurício).



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

A força desse modelo não está, portanto, na sua capacidade de responder adequadamente às problemáticas urbanas, mas na sua “adequação” ou, quem sabe, “cumplicidade ontológica” (BOURDIEU, 1989) com as lógicas hegemônicas de poder na sociedade. A multiplicação desse fenômeno (com anuência do poder público) atende a interesses econômicos do mercado imobiliário, mas encontra ressonância no imaginário social e passa a contribuir para a reprodução o poder simbólico das elites.

Roedinger e Heller (apud PIZA, 2014) identificam que as ideias sobre raça são significadas a partir de relações do cotidiano, e se conseguem se arraigar é porque encontram correspondências “razoavelmente consistentes” com experiências no mundo real. Esses arranjos socioespaciais, frutos do status quo, reproduzem os lugares sociais racializados e têm o apelo de “confirmar”, no cotidiano, o imaginário branco: a percepção da branquitude como norma, associada à ideia de civilidade e distinção, enquanto se projeta para “fora” as mazelas e conflitos. O outro lado da moeda é o medo do exterior, as relações raciais hierarquizadas e a estigmatização da população negra. Através dessa vivência se naturalizam as desigualdades e o privilégio, reconstruindo o imaginário racista e o *habitus* da branquitude.

A fala de Maurício, por outro lado, aponta para uma dimensão que está além do indivíduo. A sua a decisão de não aderir ao modelo não alteraria as formas como o espaço urbano é produzido e ele seria apenas mais um a “enfrentar” a cidade “lá fora”. Enquanto outra pessoa ocuparia o seu lugar (provavelmente também branca), ele obviamente continuaria sendo branco (ao que não lhe é dado por escolha abdicar) e ainda não sofreria as discriminações impostas às pessoas negras na vivência da cidade. Isso evidencia a dimensão estrutural dos processos que reproduzem tanto as desigualdades socioespaciais quanto os lugares sociais que os indivíduos podem ocupar. Percebe-se, portanto, que enquanto vigorar o racismo, a inscrição do privilégio branco no espaço é inevitável, e conseqüentemente a sua reprodução na cidade. Por outro lado, percebe-se também como certas dinâmicas socioespaciais reproduzem as relações racistas, o que permite pensar o enfrentamento ao racismo também através do espaço.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esse artigo é uma primeira aproximação ao tema e tenta identificar alguns parâmetros para pensar o papel da branquitude na produção do espaço urbano, bem como possíveis relações entre a espacialidade e a construção de uma identidade branca.

A partir de uma contextualização histórica, buscamos investigar um recorte específico, condomínios fechados de classe média/média alta em Salvador. Através do marketing, são apresentados através dos atributos mais desejáveis para o seu público, construindo discursos sobre a cidade (negativos) e sobre o que seria o estilo de vida ideal (exclusivo). Numa sociedade racista, essa construção materializa os privilégios e expressa através do espaço os significados de superioridade associados à branquitude. Mais do que um produto das relações históricas, o modelo de “espaços de branquitude” (MAIA, 2019) aqui analisado as (re)produz, atualizando os lugares sociais racializados.

Longe de afetar somente os brancos, essas narrativas vão influenciar os paradigmas sobre o que se entende como a cidade (e o cidadão) ideal (ou mesmo digno), de forma homogeneizadora e excludente. Assim, ao condicionar os processos de urbanização, a branquitude tem historicamente boicotado a cidade como possível lugar da democracia, produzindo como regra a exceção: de um lado o privilégio e do outro a exclusão racializados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, R. de A. **Fugindo dos "Males" da cidade**: Condomínios fechados na Grande Salvador. Salvador, 2011. Dissertação (PPGCS-FFCH) - Universidade Federal da Bahia, 2011.

BATISTA, F. C. **Em busca da "Cidade Civilizada"**: Planos de conjunto para a Bahia dos anos 30 e 40. Salvador, 2014. Dissertação (PPGAU) - Universidade Federal da Bahia, 2014.

BENTO, M. A. S. **Pactos narcísicos no racismo**: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. São Paulo, 2002. Tese (DPA-IPUSP) - Universidade de São Paulo, 2002.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

BOAVENTURA, B. de A. Racismo Institucional e Planejamento Urbano: Uma análise do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador de 2016. In: **Salvador e Suas Cores 2017: Arquiteturas Afro-brasileiras - Um campo em construção**, 3., 2017, Salvador.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano**: Novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

_____. **Espaço-tempo da vida cotidiana na metrópole**. São Paulo: FFLCH Edições, 2017.

CARVALHO, I.; PEREIRA, G.C. As cidades de Salvador. In: CARVALHO, I.; PEREIRA, G.C (Org.). **Como anda Salvador**. Salvador: Eufba, 2008. cap. 3, p. 81-108.

CONCEIÇÃO, W. L da. **Brancura de Branquitude**: Ausências, presenças e emergências de um campo de debate. Florianópolis, 2017. Dissertação (PPGA-CFCH) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

INFORMS/CONDER. **Painel de Informações**: Dados Socioeconômicos por Bairros e Prefeituras-Bairro do Município de Salvador. Salvador, 2016.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: Eufba, 2008. Tradução de: Peau noir, masques blancs.

FIGUEIREDO, A. **Classe média negra: trajetórias e perfis**. Salvador: Eufba, 2012.

FRANKENBERG, R. A miragem de um branquidade não marcada. In: WARE, V (Org.). **Branquitude**: Identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. cap. 10, p. 307-338.

GONZALEZ, L; HASENBALG, C. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

SOUZA JÚNIOR, V. C. de. **Corujebó**: Candomblé e Polícia de Costumes (1938-1976). Salvador: Eufba, 2018.

MAIA, S. A branquitude das classes médias: Discurso moral e segregação social. In: CARDOSO, L. (Org.); MULLER, T. M. P. (Org.). **Branquitude**: Estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017. cap. 6, p. 107-123.

MATTOSO, K. M. de Q.. Bahia opulenta: Uma capital portuguesa no Novo Mundo (1549-1763). **Revista de História**, São Paulo, 1983.

MBEMBE, A. **A crítica da razão negra**. Tradução Marta Lança. 3. ed. Lisboa: Antígona, 2014. Tradução de: Critique de la raison nègre.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]
Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

MIRANDA, J. H. de A. Branquitude invisível – Pessoas brancas e a não percepção dos privilégios: Verdade ou hipocrisia?. *In*: CARDOSO, L. (Org.); MULLER, T. M. P. (Org.). **Branquitude**: Estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017. cap. 3, p. 53-68.

OLIVEIRA, L. O. de A. **Expressões de vivência da dimensão racial de pessoas brancas**: Representações de branquitude por pessoas brancas. Salvador, 2007. Dissertação (PPGP-FFCH) - Universidade Federal da Bahia, 2007.

PIZA, E. Porta de vidro: Entrada para a branquitude. *In*: BENTO, M.A.S. CARONE, I. (Org.). **Psicologia Social do racismo**: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2014. cap. 2, p. 25-57.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAMOS, M. E. R. **Território Afrodescendente**: Leitura de cidade a partir do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia). Salvador, 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2007.

RIBEIRO, A. V. Estimativas sobre o volume do tráfico Transatlântico de escravos para a Bahia, 1582-1851. *In*: **Simpósio Nacional de História, XXIII**. 2005, Londrina.

SAMPAIO, H. A. L. **Formas Urbanas**: Cidade real e cidade ideal. Salvador: Quarteto Editora, 2015.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SETTON, M. da G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-70, 2002.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo**: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das raças**: Cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE, T. **Preto no branco**: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUSA JÚNIOR, V. C. de. **Corujebó**: Candomblé e Polícia de Costumes (1938-1976). Salvador: Edufba, 2018.



SALVADOR E SUAS CORES [2020]

Ensino, pesquisa e extensão das relações étnico-raciais nos cursos
de arquitetura e urbanismo em África e Brasil

STEYN, M. Novos matizes da “branquidade”: a identidade branca numa África do Sul multicultural e democrática. *In*: WARE, V (Org.). **Branquidade**: Identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. cap. 4, p. 115-138.